

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR-DELEGADO EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 14

DOMINGO - 13 de Setembro de 1953

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

AINDA A PROPÓSITO da BIBLIOTECA PÚBLICA

QUANDO, no ano de 1947, se deu conhecimento, de modo mais ou menos geral, de que a nossa Câmara Municipal deliberara criar uma Biblioteca Pública, nomeando, para esse efeito, uma comissão organizadora, logo os vilarealenses se animaram, por «sentirem» que ia finalmente ser satisfeito um dos seus mais palpitantes anseios espirituais. E com razão, digamos. Em Vila Real de Santo António há o gosto pela leitura.

Confiados nas diligências que os respectivos comissionistas empregariam — e certamente estão desenvolvendo nesse sentido —, tem-se aguardado, esperançadamente, a concretização dos respectivos trabalhos, pois é sabido que uma organização dessa natureza não é coisa que possa aparecer feita de um dia para o outro, como milagre de santo, pois até mesmo estes vão já retardando as suas deferências para os pecadores da terra.

Decorreram, porém, mais de seis anos sobre a data em que foi anunciada essa tão apreciável decisão da edilidade pombalina, e a Biblioteca Municipal não é ainda uma luminosa realidade, ao serviço útil da nossa vila. Os trabalhos da organização decorrem num ambiente tão silenciosamente sossegado, que ninguém se dá conta da fase a que porventura terão chegado. Pelo menos, a grande maioria da população ignora-o. E isto não nos parece que possa contribuir para aquela aura de simpatia, interesse e mesmo cooperação, que julgamos deva rodear a materialização de uma obra de interesse público.

Assim é que já não se ouve, de vez em quando, entre os nossos conterrâneos, a seguinte pergunta:

Então, a nossa Biblioteca Pública?

Isto não é derrotismo. Pelo contrário. É, sim, uma manifestação da ansiedade existente nos vilarealenses para que seja inaugurada, quanto antes, a sua Biblioteca Municipal.

J. G. G.

“Povo Algarvio”

Este nosso prezado colega, de Tavira, acaba de publicar o seu milésimo número, depois de vinte anos consecutivos de devotos à defesa dos interesses da encantadora cidade do Sé-qua.

Mil semanas de luta constante, quase sempre incompreendida, de sacrifícios e canseiras, em prol da sua cidade e do seu engrandecimento, significam um êxito verdadeiramente notável, digno de assinalar.

Por esse facto, endereçamos ao «Povo Algarvio» e ao seu Director, o ilustre poeta Isidoro Pires, as nossas cordiais felicitações.

PRAIAS ALGARVIAS

A PRAIA DA ROCHA

VAI REALIZAR OS SEUS JOGOS FLORAIS

A PRAIA da Rocha, jóia maravilhosa do litoral algarvio, verdadeiro poema que a Natureza trabalhou, com capricho e requintes de artista ébrio de beleza, num verdadeiro desespero de encanto e de

imprevisto, desde a Ponta do Altar ao Vau e a João de Arém, revolvendo escarpas e cavando grutas — as «Capelas imperfeitas» da costa do Algarve, como lhes chamou um inspirado poeta — mantém este

de portuguesa, com produções rigorosamente inéditas — como reza o Regulamento —, em qualquer das seguintes modalidades: poesia lírica, soneto, quadra, poesia regional e poesia obrigada a mote.

O mote

Teu coração, mais o meu,
São sinos desencontrados...
— Canta matinas o teu,
Quando o meu dobra a finados...

é da autoria do distinto poeta portimonense João Brás, um dos mais activos organizadores dos Jogos — e, certamente, um dos seus mais brilhantes concorrentes.

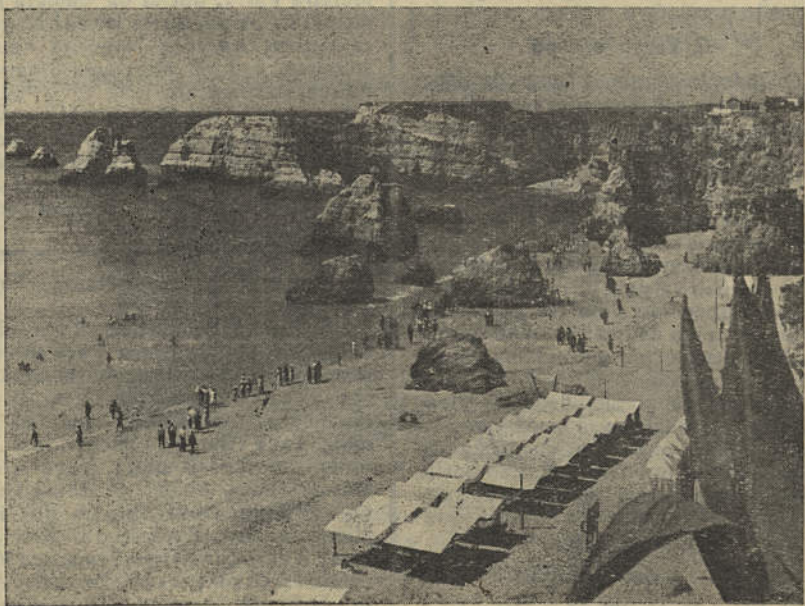
O Regulamento, nas suas linhas gerais, é o usado habitualmente em competições desta natureza.

Para cada modalidade, serão conferidos três prémios, sendo as menções honrosas as que o júri considerar merecidas.

Ao vencedor, na poesia lírica, será atribuído, muito justamente, o título de Príncipe dos Poetas da Praia da Rocha em 1953, e será a este que caberá a tarefa (tarefa, decerto, extremamente agradável...) de escolher a Rainha dos Jogos.

Como de costume, os Jogos Florais — que se realizam nos

(CONCLUÍ NA 6.ª PÁGINA)



O CRUZEIRO DE FÉRIAS

DA MOCIDADE PORTUGUESA

FEMININA DO ULTRAMAR

E DAS ILHAS ADJACENTES

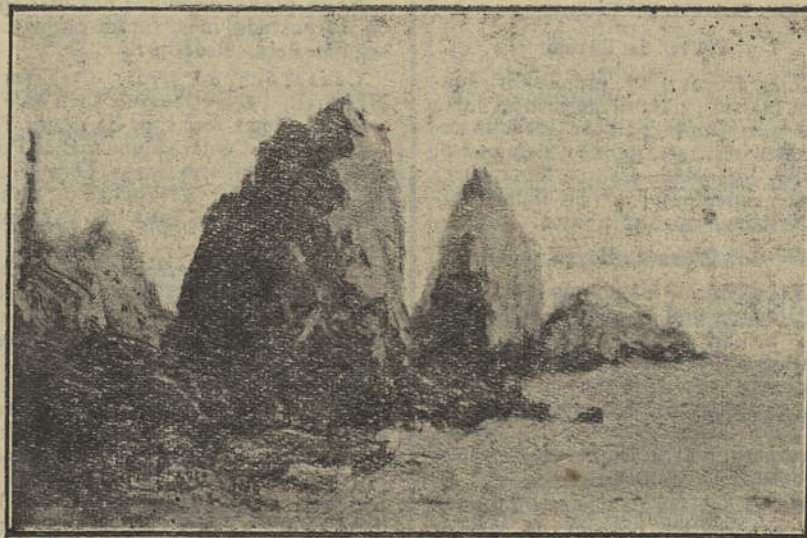
COMO é do público domínio, a Mocidade Portuguesa Feminina do Ultramar e das Ilhas Adjacentes está a efectuar, na Metrópole, um cruzeiro de férias. Não é a primeira vez que filiados ultramarinos e insulares daquela organização visitam a Mãe-Pátria, graças ao meritório e patriótico empreendimento do Ministro do Ultramar, decidido a fazer do seu importante pelouro governamental aquilo que, na verdade, deve ser: um centro de acção profícua em favor dos legítimos interesses do Império português. Não constitui, pois, novidade de monta para os portugueses metropolitanos a presença, em Portugal metropolitano, de membros da Mocidade Portuguesa do Ultramar e das Ilhas Adjacentes. A vinda até nós, porém, de rapazes e raparigas de Portugal insular e ultramarino, envergando o uniforme da organização nacional, em que fortalecem as suas virtudes de cidadãos portugueses, reveste-se, para os visitados, dum singular atractivo, naturalmente propiciado pela procedência dos visitantes.

Na verdade, o interesse de Portugal metropolitano por Portugal ultramarino está na razão directa do progresso deste em relação àquele. Nunca,

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

ano as suas brilhantes tradições, realizando, mais uma vez, os seus Jogos Florais. Conservam-se, desta forma, os pergaminhos da mais linda praia de Portugal.

A estes Jogos Florais podem concorrer poetas de nacionali-



Um aspecto da Praia da Rocha, pelo pintor Lyster Franco

Em MONTE GORDO

DECORREU COM GRANDE ANIMAÇÃO

O «CONCURSO DE CONSTRUÇÕES NA AREIA»

CONSTITUIU um verdadeiro êxito o Concurso das Construções na Areia, que o «Diário de Notícias» levou a efeito, nas principais praias de Portugal. Em Monte Gordo, a simpática iniciativa daquele diário teve foros de grande acontecimento, não só entre a petizada, que teve ensejo de manifestar as suas aptidões artísticas, como entre os adul-

tos, que lhe dispensaram caloroso acolhimento.

A imaginação infantil teve exteriorizações, que deliciaram a numerosa assistência (cerca de 2.000 pessoas). Desde a obra-prima «picassiana», de Maria da Conceição Barbosa Centeno, à colecção de frescaria com que Maria de Lourdes Folque Socorro «animou» o seu

(CONCLUÍ NA 5.ª PÁGINA)

Pedras soltas

Se dois caminhos generosos partem da estrada da vida, e somente um deles pode ser seguido, quem poderá saber qual é o melhor?

Os que mais sonham são os mais amargos na desilusão, os mais dramáticos no desespero, ou os que passam a duvidar de todos os ideais, de tudo o que é bom.

E o que é o cínico, senão o romântico desiludido?

Contenta-te com poucos amigos. Não busques prolongar a simpatia que alguém te inspirou.

Antes de apertares a mão que te estendem, considera se ela, um dia, se não erguerá contra ti...

Os dias passam rápidos como as águas do rio ou como as brisas do inverno. Dois dias há, em particular, que me são indiferentes: o que passou ontem, e o que virá amanhã.

Na feira de vaidades que atravessas, não tentes encontrar nenhum amigo. Nem procures tão pouco um abrigo seguro.

Com alma serena, aceita a dor, sem esperança de remédio, que não existe. Sorri ao infórtunio e não peças a ninguém que te sorria: seria tempo perdido.

Esquece que ontem não lograste a felicidade que merecias. Não lamente nada. Não esperes nada. Tudo o que deve acontecer está escrito no livro, que o vento da Eternidade folheia ao acaso...

Escuta a voz da sabedoria, que te repete o dia inteiro: «A Vida é breve e tu não és como as plantas, que reverdecem todas as primaveras.»

As almas capazes do maior bem — são, precisamente, as capazes do maior mal...

J. A.

FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DAS DORES

Conforme noticiámos, no nosso último número, realiza-se hoje, às 18 horas, a tradicional Procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora das Dores, na Praia de Monte Gordo, que percorrerá o itinerário habitual, acompanhada pela Banda «União Marçal Pacheco», de Loulé.

Na noite, haverá concerto, pela mesma Banda, na Praça Luís de Camões, quermesse e vistosos fogos de artifício.

Bispo Coadjutor do Algarve

Partiu para as termas de Monte Real, onde vai fazer a sua habitual cura de águas, o senhor D. Frei Francisco Rendeiro, Bispo Coadjutor da nossa Diocese.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. João Rodrigues Lima Centeno, distinto Tesoureiro da Fazenda Pública, na Covilhã.

Retirou para Lisboa, com seu primo, o menino António Manuel Pinheiro da Silva, o sr. Fernando Leonel Viegas Alvares, estudante de Medicina, filho do nosso estimado amigo sr. Manuel Rodrigues Alvares.

Esteve nesta vila, com sua esposa e filha, o nosso estimado amigo e assinante sr. Augusto Lima Centeno, funcionário de Finanças, em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado assinante sr. António Passos de Lima, sócio-gerente da Moagem de Mértola.

Esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. Francisco Serafim Nunes, viajante da firma João Pires & Filhos.

Com sua esposa e filho, encontra-se nesta vila o sr. José Quintino Romão, nosso prezado amigo e assinante, residente em Faro.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na Praia de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Godinho Santana, residente em Mértola.

Esteve nesta vila o sr. José António Molarinho, nosso prezado assinante e digno Ajudante de Notário, em Tavira.

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila, o sr. Diamantino de Sousa Cardoso, nosso prezado assinante, em Tavira.

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante sr. José João Vicente, digno Solicitador na comarca de Mértola, onde reside.

Encontra-se a passar o verão em Alcaide, na Beira Baixa, o nosso distinto colaborador, sr. Mendes de Carvalho.

Regressou a sua casa, em Olhão, o nosso prezado amigo e assinante sr. Olímpio José de Vasconcelos, que com sua família esteve passando a época balnear na Praia de Monte Gordo.

Também já regressou a sua casa, em Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Victor Manuel de Sousa Coelho, que durante alguns tempos esteve de visita a sua família, em S. Brás de Alportel.

Encontra-se no Algarve, em viagem de negócios, tendo estado nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. Hostílio Bandeira Rosa.

Com sua esposa, regressou de Tanger, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eurico Rosa.

Na sua propriedade de Cacula, encontra-se a passar o verão, com sua esposa, o nosso estimado amigo e assinante, sr. António do O' da Silva, digno Tesoureiro da Agência da Caixa Geral de Depósitos, em Setúbal.

Esteve em Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso querido amigo e assinante em Castro Marim, sr. António Cordeiro Marques da Costa.

Encontra-se a veranejar em Monte Gordo, com sua esposa e filhas, o sr. Alberto de Sousa Oliva, nosso prezado amigo e assinante, em Lisboa.

Com sua esposa e filha, encontra-se nas Caldas de Monchique o sr. Norberto Bento Domingues.

Esteve nesta vila, com sua Ex.^{ma} família, o nosso amigo, sr. Eng.^o Georgino da Nova, residente em Lisboa.

Com sua esposa, D. Luísa Parreira Pulicani, natural desta vila, encontra-se entre nós o sr. Paul Pulicani, residente em Marselha (França).

Regressaram da Serra da Estrela as meninas Maria Rosa e Ana Maria Alzira C. Ribeiro Alves, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Ribeiro Alves.

Falecimentos

Faleceu, nesta vila, no passado dia 5 do corrente, a sr.^a D. Teresa Romão, de 83 anos de idade, viúva, mãe da sr.^a D. Maria Isabel de Sousa Cardoso, sogra do nosso prezado assinante sr. Inácio Fernandes Cardoso e avó das sr.^{as} D. Antonia Rita Cardoso, D. Maria Isabel de Sousa Cardoso e dos srs. Diamantino de Sousa Cardoso, Francisco de Sousa Cardoso, Floripes de Sousa Cardoso e Miguel de Sousa Cardoso.

A família enlutada, apresenta o «Notícias do Algarve» sentidas condolências.

Noticiário da Província

ALGOUTIM

Voltamos ainda ao problema da água. Não se aborrecam. Como ele deve ser resolvido integralmente, de modo a satisfazer plenamente, é complexo, demorado e custoso.

Mas não se podia fazer alguma coisa, mais comezinha, de modo que houvesse uma maior segurança na sua potabilidade?

O que a análise acusou sabem-no já todos e evita, por isso, que aqui o repetamos.

Não se podia fazer uma fiscalização mais aturada, de modo a evitar-se que os animais bebam nos mesmos caldeiros e no mesmo poço de onde nós nos fornecemos?

Que nos referidos caldeiros e no mesmo local se façam lavagens de roupas que servem a doentes?

Isto não custa muito e podem evitar-se grandes danos.

O celeiro acusa este ano um maior volume de compras o que denota que o ano cerealífero foi mais abundante.

Para assistir às festas, já se encontram aqui muitas famílias daqui naturais e ausentes por força das circunstâncias da vida.

Continua a funcionar, sempre com eficiência o hospital desta vila. Bem hajam os que se dedicam a obra tão meritória e que tantas dores alivia — C.

OLHÃO

Torneio de Tiro aos Pratos

No dia 30 do passado mês, realizou-se em Olhão, no campo de jogos do Estádio Padinha, gentilmente cedido para o efeito, o já noticiado Torneio de Tiro aos Pratos, com os melhores atiradores daquela modalidade.

Por motivos alheios à sua vontade não pôde comparecer ao festival o sr. Governador Civil de Faro, o qual foi representado pelo magistrado administrativo da terra, assim como outras individualidades.

O campo encontrava-se repleto de público, especialmente nas bancadas, onde não havia um único lugar vago.

O produto líquido reverteu a favor da Santa Casa da Misericórdia local, que tanto necessita de fundos para continuar com uma obra digna, encontrando-se à frente dos destinos daquela instituição, o sr. Roque Luís Féria Ponce, Chefe da Secretaria Judicial desta comarca.

Conforme já noticiámos, o torneio tinha grande interesse, visto haver para disputa, valiosos prémios.

Prova de Ensaio

Classificação: 1.^o prémio - Sr. Joaquim Martins, natural de Lisboa, 14/15 pontos, desempate; 2.^o - Sr. Joaquim Pedro Meneses, 14/15 pontos, desempate; 3.^o - Sr. José Manuel Ferro Mota, 14/15 pontos, desempate; 4.^o - Sr. Manuel Jorge Nascimento, 13/15 pontos.

Prova de Honra

Classificação: 1.^o prémio - Sr. Dr. José Pablo, natural de Lisboa, 29/30 pontos; 2.^o - Sr. Joaquim Martins, 28/30 pontos; 3.^o - Sr. António Brandão, 27/30 pontos; 4.^o - Sr. José António Fernandes, 26/30 pontos, desempate; 5.^o - Sr. Dr. João Hugo Pestana, 26/30 pontos, desempate; 6.^o - Sr. Eng.^o José Pessanha Barbosa, 25/30 pontos.

Não há dúvidas de que este desporto está a tornar-se popular na vila de Olhão, e espera-se que tenha continuidade, graças ao sr. António Sancho, que esforçadamente conseguiu trabalhar e fazer um torneio, dos melhores que se têm realizado nesta província. — C.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República - Telefone 12

PORTIMÃO

Higiene da Praia da Rocha

A-pesar da vigilância exercida pelos cabos-de-mar, continuam a verificar-se «Coisas», na nossa excelsa Praia da Rocha, que podemos denominar de autênticas «porcarias».

Bastantes locais se encontram invadidos por impertinentes formigas e donde, por vezes, se exalam aromas muito desagradáveis, o que bastante incomoda os que se acolhem às benéficas sombras, e que é resultante das imprevidências cometidas pelos indivíduos que habitualmente levam o seu farnel, com a indispensável fruta, e que às escondidas se prestam de bom grado a enterrar na areia os sobejos, as espinhas, as cascas e outras tantas porcarias.

Com esse gesto oculto que «ninguém viu», contribui-se para o desleixo da nossa praia, o que é necessário evitar, aplicando aos que cometem essas veleidades as indispensáveis correcções e as sanções legais.

Como a bem nada se consegue, estamos certos que deste modo se extinguirá a anomalia existente, com grande regosijo para nós.

O Verão e o pó

Quando, há tempo, o Largo da Estação estava a ser reparado, regosijámos-nos por julgar que os inconvenientes do pó, no Verão, e da lama, no Inverno —, com que brindávamos os que por via férrea chegavam até nós, iriam desaparecer, o que aliás se tornava necessário e urgente.

As obras concluíram-se, mas deduzimos que não valeu a pena o dinheiro e tempo dispendido com tal, pois tudo continua como dantes: bastante pó no Verão e certamente muita lama para a próxima invernada.

Não haveria possibilidade de alcastrar aquele local que tão má impressão causa a quem nos visita, que bastantes contratempos nos traz e que só por si constitui um perigo para a saúde pública?

Falta de água

Continua a notar-se a falta de água, com geral desagrado de todos, pois o facto origina bastantes contratempos e prejuízos de ordem moral e material.

Sabemos que a Câmara Municipal tem feito todos os esforços possíveis para preencher esta lacuna, mas até hoje nada se conseguiu de proveitoso.

Contudo, esperamos que tal se deixe de verificar muito breve, para nossa satisfação e para o bom nome do nosso Turismo.

IV Rally Automóvel da Praia da Rocha

Nesta prova, disputada nos dias 29 e 30 do passado mês, foram obtidas as seguintes classificações:

Classificação geral: 1.^o - Ernesto Martorell, Taça «Governador Civil de Faro»; 2.^o - Eng.^o José Luiz de Abreu Valente, Taça «Câmara Municipal de Portimão»; 3.^o - Alberto Graça, Taça «Conde da Covilhã»; 4.^o - Anibal de Sousa Guerreiro, Taça «Junta da Província do Algarve».

Classificação por classes: A-1.^o - Carlos Barbosa Baeta, Taça «Comissão Municipal de Turismo»; 2.^o - D. António Feu Marchena; B-1.^o - D. Alice Adelaide dos Reis Vale, Taça «Grémio do Comércio de Portimão» e 1.000.000; 2.^o - Amadeu Aires dos Santos Silva, «Taça» e 500.000; C-1.^o - Ernesto Martorell, Taça «Instituto de Conservas de Portimão»; D-1.^o - Eng.^o Abreu Valente, Taça «Casino» e 1.000.000; 2.^o - Alberto Graça, «Taça» e 500.000; 3.^o - Anibal de Sousa Guerreiro, «Taça»; E-1.^o - António Augusto Parente, Taça «Anunciante»; F-1.^o - José Emídio da Silva, Taça «Comissão» e 1.000.000.

Câmara Municipal de Castendo

18 de Janeiro de 1948

Meu caro Amigo

Votos sinceros meus e da família, pelo seu bem estar e da D. Esperança. As nossas efusivas saudações e muitas saudades — Tanto vossas como desas — tanto aqui e da vossa bela pensão. Isto aqui é muito frio; e, quanto a pensão, onde pagamos 60.000 (o casal), estamos mal instalados e a comida deixa muito a desejar.

Em suma, a «Pensão Mateus» continua na Vanguarda!

Que diz ao reclame? É justo, justíssimo!

O Cozinheiro ainda aí está? Como passa ele agora de saúde? E os restantes, bem?

Para todos, os nossos cumprimentos. Muitos, também, para a D. Esperança. E para si, um abraço do amigo às ordens, antecipadamente grato,

José E. de Sousa

CASTRO MARIM

Confortada com todos os sacramentos da Santa Igreja, faleceu nesta vila, no dia 4 do corrente, com 78 anos de idade, a sr.^a D. Maria Rita Mimoso Faisca, solteira, proprietária, filha de D. Catarina Cândida Nogueira Mimoso e de Alfredo Xavier de Sousa Faisca, já falecidos, cunhada de D. Joaquina Nogueira Faisca, viúva, proprietária e tia de D. Maria Eulália Nogueira Faisca, casada com António Costa Esteves, proprietário e comerciante, D. Angelina de Gusmão Nogueira Faisca, casada com Manuel Nogueira Faisca, proprietário e informador fiscal, D. Joaquina Margarida, casada com João Manuel Mimoso Soromenho, chefe de estação de Caminhos de Ferro, aposentado, D. Custódia da Encarnação Soromenho Moreira Parra, casada com José Pedro Pires Parra, professor oficial, D. Inês Eulália Molarinho Moreira Parra, casada com António Valentim Moreira Parra, chefe da Secretaria da Câmara Municipal, Alfredo Nogueira Faisca, proprietário, Albano José Moreira Parra, A. J. J. da Inspeção Geral de Trabalho, Joaquim Moreira Parra, oficial da Câmara Municipal de Serpa, Maria Helena Nogueira Faisca, Angelina Nogueira Faisca, solteiras e José Marciano Nogueira Faisca, comerciante.

De coração bondoso, esmolero e caritativo, fazia bem sem alardes, socorrendo a pobreza que dela se abeirava, pelo que o seu funeral constituiu uma bela prova de quanto era, por todos, bem estimada. — C.

2.^o - Fernando Alberto Pereira, «Taça» e 500.000.

Prémios particulares: Taça «Mabor», Ernesto Martorell; Taça «Mundo Desportivo», Anibal de Sousa Guerreiro; Taça «Delegado do A. C. D. em Portimão», José António dos Reis Ramos; Taça «Garagem Sacors», José António dos Reis Ramos; Taça «João Mascarenhas», Anibal de Sousa Guerreiro; Taça «José António dos Reis Mimoso», José António dos Reis Ramos; Taça «Simpatia», Francisco Mascarenhas Grade; Taça «Bardall», Anibal de Sousa Guerreiro; Taça «Catariño», José António dos Reis Ramos.

Prova extra: Taça «Morgan», Nuno Pedrosa Mendes; Taça «Arade», Alberto Graça; «Apólice de seguro para acidentes pessoais», Augusto Leirão de Oliveira.

Os concorrentes Ernesto Martorell, Anibal Guerreiro e Francisco Mascarenhas Grade, receberam ainda vários prémios de valor.

Falecimento

Na sua residência, em Buenos Aires, Argentina, faleceu o sr. Augusto Forjas Rua, natural de Estoi e há bastantes anos residente naquele país.

O extinto, de 87 anos de idade e exem-

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António de 4 a 10 de Setembro:

Trainceiras:	
Flor do Guadiana	33.310,000
Norte	24.030,000
Brisa	18.115,000
Levante	15.820,000
Manuela	14.150,000
S. Domingos	12.980,000
Liberta	11.860,000
Janita	8.860,000
Batinha	8.180,000
Pérola do Guadiana	7.720,000
Briosa	4.830,000
Leste	4.520,000
Maria Rosa	4.590,000
Raulito	2.900,000
Flor do Sul	2.600,000
Deolinda Rita	700,000
Persistente	700,000
Total	175.165,000

Cercos:

Amazona	28.655,000
S. José 3. ^o	4.690,000
Deus me Ampare	990,000
Total	34.335,000

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Setembro, a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 5 a 11 de Setembro:

Entrados:
«COSTEIRO», Português, de 629 toneladas, com adubo, de Lisboa.
«SILVA GOUVEIA», Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.

Saídos:
«COSTEIRO», Português, de 629 toneladas para Lisboa, com minério.

TRADUÇÕES

Comerciais, técnicas ou literárias, em Francês, Italiano, Inglês e Alemão. Rápidez, sigilo e preços módicos.

F. MORAS RODRIGUES

R. Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

plo de altas qualidades, que foi Director do «Consejo Nacional de Educación», instituição argentina, possui família e relações nesta cidade pelo que a notícia da sua morte foi motivo de grande pesar.

A família enlutada e em especial aos nossos amigos José Augusto e Rcardo Forja Rua, netos do extinto, apresentamos as nossas sentidas condolências. — C.

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«Ablasserdyk»

carrega em LISBOA em 28 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DARRO» — 18 de Setembro

«DIEMERDYK» — 3 de Outubro

«DURANGO» — 19 de Outubro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21782

OS NOSSOS CONTOS

"A ESCADA SOMBRIA"

TROPEÇOU. Tinha se esquecido que era preciso subir com cuidado, agarrado ao corrimão. Os degraus carcomidos eram pouco de fiar, ainda para mais naquele negrume. Sentia-se horrivelmente cansado, a perna ferida ainda lhe doía, tinha vindo a pé desde o hospital. O dinheiro! Gastara-o todo com o enterro. Maria! custava-lhe a acreditar, Maria! jamais se poderia habituar à ideia...

A porta do primeiro andar abriu-se, empurrada com força.

— Sai da minha vista, malandro! O homem encostou-se à parede. Cheirava a fritos, a mulher do Xico a berar, tudo como antigamente...

— Gastas com as outras, e ainda por cima tens a coragem de dizer que eu tenho mau tipo. Dás-me dinheiro, porventura?

Atirou com a porta, estrondosamente. O Xico ficou parado no patamar e depois encolheu os ombros.

— Raio de vida esta! murmurou. Passou pelo homem e reconheceu-o.

— E's tu, Manel, já voltaste? Ele grunhiu, em resposta.

— Ouviste? continuou o outro, não lhe dou dinheiro, gasto com as outras. Eu, nem dinheiro tenho para uma, quanto mais... Nunca vi um homem enriquecer a acarretar pedras. Raio de vida esta!

O homem continuou a subir as escadas.

— Raio de vida esta — pensou para com ele.

A mulher, o hospital. Quem lhe restava agora? A vida já era dura, antes. Agora, com a perna estropeada, já não o aceitavam na praça. Não podia guar, tinha tudo a começar de novo, uma nova vida sem ela.

A música de uma grafonola ecoou nas escadas.

Sur les toits de Paris, cantava uma voz fanhosa, acompanhada pelo arrastar insistente e irritante da agulha.

— Que barulho infernal, é um desafio, uma sem vergonha!

O homem parou novamente à espera que a ti'Joquina saísse da escada. Senão, já sabia, nunca mais o largava, com lamúrias e queixumes.

— Fechem esta maldita grafonola! A mulher esganava-se, sem efeito. A voz fanhosa continuava ressoando, para lá das paredes esburacadas.

Ti'Joquina preparava-se para descer as escadas, quando o filho apareceu à porta.

Eh! madraço que fazes aí? Ainda não foste buscar o vinho?

Esquecendo-se da grafonola, agarrou o miúdo pela camisa.

Para jogar à bola estás sempre pronto!

Glória Futebol Clube

Tomaram posse em 4 do corrente os novos corpos gerentes do Glória Futebol Clube, cuja constituição é a seguinte:

Assembleia Geral: Presidente — José Manuel Pereira, Vice-Presidente — Virgílio Antunes Lança, 1.º Secretário — Ezequiel Fernandes, 2.º Secretário — Manuel Baptista.

Direcção: Presidente — Joaquim Branquinho, Vice-Presidente — António Gaspar Patrocínio, 1.º Secretário — Manuel Francisco Ribeiro Alves, 2.º Secretário — Pedro Cardoso, Tesoureiro — António Pedro da Luz, Vogais — Gervásio Martins Estevão e Manuel Francisco.

Suplentes: Jorge Pereira Nogueira, João António Alexandre, Rafael Guerra, Francisco dos Santos Ferreira, Alfredo Fernandes Neto, Manuel Joaquim Viegas e António Vasques Belo.

Conselho Fiscal: Presidente — António Amancio do Sacramento Machado, Secretário — Manuel Cipriano, Relator — José Bento Junior.

Suplentes: Manuel Peres Tenório e Emílio Tenório Piloto.

* * *

De uma Circular enviada pela Direcção do Glória aos seus associados respigámos o seguinte período que nos faz prever ir finalmente chegar-se a um entendimento entre os dois velhos clubes desportivos locais com vistas à mútua utilização do campo de jogos «Francisco Gomes Socorro»:

«Novamente tentámos vencer a única grande dificuldade — falta de campo — junto dos actuais corpos gerentes do Lusitano, e podemos com regosijo informar que alimentamos boas esperanças de o conseguir, dada a grande vontade de desenvolver o desporto na nossa terra que anima a direcção daquele clube, a qual prometeu nos voltar ao assunto logo que oficialmente fosse sancionada a sua eleição».

FOR
VERA PONCE DE LÉON

— Largue-me. O rapaz desatou a esprepear — olhe que me aleija.

Por fim conseguiu escapar-se-lhe das mãos. Na corrida, esbarrou com o homem.

— O diabo da velha! Ele apoiou-se um pouco mais no corrimão.

Nada lhe restava. O filho era como os outros, como este. O pai, a mãe, nada valiam, nada significavam para eles.

— O raio da velha! Pobre Maria, caída por terra, ensanguentada, ainda murmurava o nome do filho e o dele.

— Senhores! Como seria diferente, se ela estivesse em casa à espera dele. Bateu à porta. Eram umas pancadas ligeiras, sem força, sem energia. Como ele próprio!

Soavam, vagarosas, uma a uma, estranhas, diferentes daquelas outras que um dia tinham sido dele.

— Já vai, já vai, a voz da mãe. Oh! és tu, já não é sem tempo. Quando es-

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

PRIMAVERA

O Primavera, canta, ri, dá cor
A Natureza inteira. Primavera!
Ressurge novamente, que eu quisera
Cantar-te num poema todo — amor!

Trás a canção na voz dos passarinhos,
Vem ofertar perfume em tua flor,
E, em doce serenata, o ruiseñor
Alegrará as flores e os caminhos.

O Primavera, vem, por caridade,
Porque esta dor que sinto, esta saudade
Só tu podes, em parte, mitigar.

Saudade! Canto triste onde a beleza
Duma lágrima, plena de tristeza,
Reclama a Primavera dum olhar!

PENÉLOPE

ATRAVÉS DO PASSADO

A PAISAGEM

A PAISAGEM humana é a que mais prende a minha atenção.

Quando em tempos idos fui jurado criminal e comercial, seguia com vistvel interesse o jogo fisionómico dos magistrados, advogados, testemunhas e réus.

Não era pela particularidade de conhecer um velho e relho provérbio! o rosto é o espelho da alma. Não. A minha penetração psicológica ia mais longe; tendia, em especial, surpreender emoções; analisar gestos, sobressaltos e contracções faciais que se estampavam nitidamente na fauna dos componentes dos tribunais.

Dessa experiência demorada de longos anos, algum proveito tirei para encarcerar criminosos de recursos vastos, quando três vezes a política me levou ao modesto posto de administrador de um concelho difícil de administrar.

A paisagem humana, que o médico, o magistrado, o advogado, o romancista e o jornalista precisam de conhecer nos seus detalhes íntimos, requer uma soma de conhecimentos e aptidões que poucos homens possuem.

Camilo e Eça, entre nós, foram dos mais profundos; Zola e Maupassant, em França, o primeiro pela disciplina naturalista e o segundo pela delicada in-

Balzac monárquico

FOR
RODRIGUES PENA

NEM sempre as convicções políticas de certos escritores se harmonizam com o substracto ideológico que as suas obras realmente encerram. Por vezes, nota-se até flagrante incompatibilidade entre as ideias que o escritor diz professar e as ideias expandidas nos seus livros. Isto acontece, quando o escritor se deixa dominar pelos acontecimentos e sua realidade, e abandona por sua vez, as ideias que formam a sua consciência política. E' o caso de Leão Tolstoi; é também o caso de Honoré de Balzac. Balzac confessava-se monárquico; e todo o mundo acreditava, mais ou menos, nessa afirmação um tanto audaciosa de um escritor que detestava as chicanas políticas, embora um dia pensasse candidatar-se como deputado. Na sua juventude, onde já mostrava bons e sôfregos apetites de homem ambicioso, tivera a sua grande paixão: o grande Bonaparte. Na-

poleão, essa grandiosa estrela que se erguia no céu europeu, tivera nesse jovem, saído das camadas da pequena burguesia, um dos seus mais fervorosos admiradores. Balzac jamais olvidaria ou desprezaria o seu grande idolo. Nem mesmo depois da tragédia de Waterloo, o repudiaria.

Ora, vistas as coisas a frio, Napoleão não estava tão afastado do poder legitimista como superficialmente se poderia julgar. E' verdade que continuava a afirmar-se de republicano, mesmo depois de se coroar como Imperador. Mas a história já deu o seu veredicto, e o gesto de Beethoven ao rasgar a dedicatória da sua *Sinfonia Heróica*, que oferecera a Bonaparte, elucida bem da carreira de Napoleão como republicano e libertador dos povos. Mas Balzac, que fora criado num ambiente favorável aos ideais republicanos, amava Napoleão a seu modo, amava-o pelas ideias audaciosas, pela sua energia e coragem, pelas ousadas concepções desse grande militar. O que Balzac amava mais nesse homem era a sua biografia de ser social desprezado e aviltado na sua juventude, que soubera, a poder de energias, alcandorar-se ao escalão mais alto da hierarquia social. Numa palavra: Balzac, como filho da média burguesia admirava principalmente Napoleão como filho feliz e pródigo dessa mesma classe. Parece, que Madame Berny, a *Dilecta*, influenciou de certo modo Balzac, nas suas ideias monárquicas. Os pais de Laura de Berny tinham vivido ainda na corte de Maria Antonieta; era natural que ainda restassem nela muitas das recordações do fastígio e brilho das festas dos reis. As suas descrições dos acontecimentos dessa época deviam ter alvoroçado a imaginação do autor de *O Père Goriot*. À semelhança de muitas das suas personagens, os Rubempré e os Rastignac que povoam a *Comédia Humana*, Balzac procurou também penetrar no mundo aristocrata de Paris, no Faubourg St. Germain, nesse alvorecer de mu-

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

GAZETILHA

FESTAS

Protissões e arralais, festejos tradicionais onde o bairrismo não falta, espelhos da alma do povo, quadro velho, sempre novo, estão agora em maré alta.

Aldeias, vilas, cidades, celebram festividades aos seus santos padroeiros, pondo nas celebrações um pouco dos corações, fé e amor verdadeiros.

Em cenário que se presta detorreu a nossa festa que atrai sempre muita gente, a praça, a avenida, o mar, os barcos a apitar, tornam a festa imponente.

O forasteiro, encantado, diz que foi bem empregado o tempo que aqui passou, mas se os «fogos» lhe lembraram diz também que o enganaram pois o «fogo»... não prestou!

BIN OULO

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

PARA SI minha Senhora

por Noémia Gil Faria

O Toucado da Julieta de Verona nas Colecções Parisienses

QUANTO mais a mulher se vai emancipando, mais os costureiros e modistos a empurram suavemente para o caminho da feminilidade, com todo o encanto das coisas lindas que para elas vão criando. Este ano, por exemplo, muitos dos chapéus das senhoras foram nitidamente inspirados nos belos toucados das heroínas imortalizadas pela literatura e pela pintura da Renascença italiana. Entre essas heroínas, a doce figurinha da terna Julieta foi a que mais impressionou Paulette, a grande modista francesa, que apresentou deliciosos chapéus de teatro, bordados a pérolas, cópias quase fieis da touca usada pela amada de Romeu.

O feltro perdeu um pouco da sua aura e só é empregado nos modelos práticos. Nos modelos elegantes, vê-se mais o tecido — principalmente o veludo e o «jersey». Voltam os turbantes e, com eles, a arte do drapeado.

Maud et Nano apresentaram uns cha-

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

GRANDES FESTEJOS

EM BENEFÍCIO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de ALCOUTIM

REALIZAM-SE hoje, amanhã e depois, em Alcoutim, coincidindo com a feira anual daquela vila, grandiosos festejos em benefício da Santa Casa da Misericórdia, para a construção do hospital sub-regional.

Do programa para hoje, constam, na parte da manhã, alvorada, recepção à Banda de Música da Mocidade Portuguesa de Albufeira, um desafio de futebol, abertura da quermesse e lançamento de fogos, tipo japonês; às 14 horas, batalha de flores no rio Guadiana, em que tomam parte dezenas de barcos, artisticamente decorados; às 18 horas, início do baile, na Esplanada do Rio Guadiana; às 21 horas, concerto musical; às 23 horas, apresentação dos Grupos Folclóricos de Alte (adulto e infantil); e, às 24 horas, distribuição de prémios e queima de fogos de artifício, aéreo e aquático.

Amanhã, dia 14, entre outras distrações, destacamos a gincana que se realiza no campo da «Fonte Primeira», as provas náuticas no Guadiana (natação, corridas de canoas, pau de sêbo, etc.), exibição do grupo «Guitarras de Portugal», de que fazem parte as conhecidas artistas Josefa de Brito, Maria Luciana e Catalina Rosa, e a apresentação das artistas da rádio, Paula Ribas e Maria Esmeralda, cançonetistas, e o imitador Joseca. No dia 15, realizar-se-ão provas de atletismo, 100 metros planos e «Cross de Alcoutim». Na noite, apresentação da popular acordeonista Eugénia Lima e do Grupo Folclórico e de Variedades de Faro.

E' de esperar grande afluência de visitantes, além da decidida colaboração de todos os alcoutinenses nestes festejos, cuja simpática finalidade inútil se torna encarecer.

A Empresa Rodoviária estabelece, nestes dias, carreiras, que asseguram as comunicações.

EXTERNATO NACIONAL

(ANTIGO COLÉGIO NACIONAL)

Vila Real de Santo António

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA ADMISSÃO AOS LICEUS
CURSO LICEAL — (1.º e 2.º Ciclos)

Estão abertas as matrículas na Secretaria do Externato, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas
Rua Teófilo Braga, 58

Ex.º Senhor

Já pensou na vida movimentada do nosso país, nos últimos anos?... Como V. Ex.ª sabe, em virtude dos meios de transporte acelerados, os desastres sucedem-se num momento, e se não é rico... e vive do seu esforço próprio, em caso de Acidente como remediar esse mal?... Se não tem uma Apólice de Seguro contra Acidentes Pessoais?...

O Seguro de Acidentes Pessoais, hoje não é um luxo, mas sim uma necessidade; se querem estar satisfeitos, façam os seus seguros numa boa Companhia e em especial no Agente da vossa confiança

CONSULTE

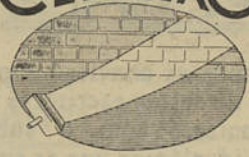
ANTONIO SOARES

AGENTE DE SEGUROS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Seguros qualquer faz, bem feitos não são todos.

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores
paredes
muros
frontarias de casas ou edificios
e
outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pó que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES NOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA
DURA MAIS
RENDE MUITO



HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 7 5057 — AV. CONDE DE VALBOM, 96 — LISBOA

AGENTES { em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

PRECISA-SE

ESTENODACTILO/A ou DACTILO/A conhecendo francês e inglês, para a província.

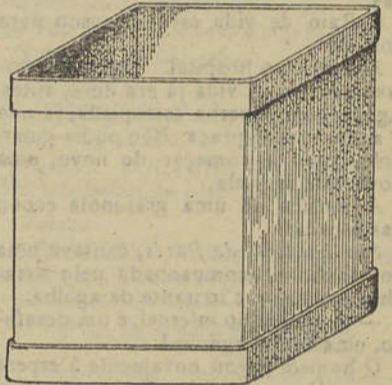
Dar referências indicando ordenado a esta redacção n.º 5.

CASA

Vende-se em conta, na Rua Candido dos Reis, n.º 63 — Vila Real de Santo António.

Trata: Manuel Ladeira — Olhão.

Acabaram as dificuldades com a falta de água nos prédios com 1.º andar



Instale um depósito de

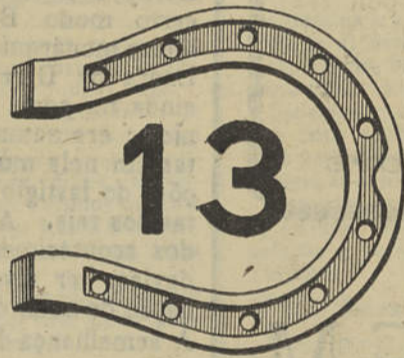
LUSALITE

e a água está sempre ao seu dispôr

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,
«Minha Última Marca»
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Credit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António



TINTAS DYRUP

Fábrica de Tintas de Sacavém - S. A. R. L.

Agentes Distribuidores no Algarve: J

FIAL - Fomento Industrial e Agrícola, Lda.

Largo S. Luiz FARO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Agente - ALFREDO CAMPOS FRISCA

A PAISAGEM

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

suas opiniões preconcebidas e nas suas teorias dogmáticas, enganam-se inúmeras vezes!

Deve haver três ou quatro meses que li um livro, bem escrito, em que se falava na influência do clima e da paisagem sobre o desenvolvimento intelectual do homem.

O articulista concluía por afirmar a vantagem da inteligência do homem nascido em paisagem risonha sobre o que nasce em paisagem tristonha.

O livro estava bem escrito, como já esclareci, mas mal pensado e cheio de conclusões erradas.

A paisagem triste do Alentejo tem feito germinar no seu solo maior número de inteligências invulgares do que a paisagem ridente da Ilha da Madeira.

Quem sustentar uma tese oposta falta conscientemente à verdade.

Foi por assim pensar, que um milionário francês, vivendo em Paris, suprimiu um prémio elevado que destinara ao autor do melhor livro de versos desse tempo, em França.

E acrescentou, sensatamente: «O génio é incompatível com a riqueza; só o poeta pobre produz trabalho digno da posteridade».

Para finalizar, vou recorrer a uma teima travada, há anos, na minha terra, com o meu contemporâneo e amigo João Capuz, um elegante prosador que conta a bonita soma de noventa anos.

Aquele amigo opinava pela suavidade da paisagem terrestre e eu pela variedade da paisagem marítima. Discorriamos como dois coloristas e palrávamos como dois papagaios.

Ele repetia-me a sinfonia dos prados; eu replicava-lhe com as mutações com tantas e imprevisíveis das ondas. Nem um nem outro se dava por vencido. A esta discussão assistia um único ouvinte, rapaz novo, médico e sobrinho do meu amigo.

Imparcialmente, resolveu intervir na teima:

«Quando estive estudando em Lisboa, era raro o dia que não dava um passeio ao Terreiro do Paço, para ver o Tejo e matar saudades da paisagem marinha, sempre a renovar-se, em cores e aspectos fantásticos.

A ancestrabilidade cantava dentro de mim...»

O meu velho e arguto João Capuz deu-se então por vencido

Balzac monárquico

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

heres ociosas e bonitas, que não deixavam, mesmo no tempo da República, de manejar as chancelarias políticas e a alta finança. Essas mulheres surgem na obra de Balzac com as suas grandes virtudes e os seus grandes defeitos. Balzac não tenta ocultar os vícios e a corrupção do *grand monde*; pelo contrário, parece empenhar-se até em registar, com frenesim, mais os vícios que as virtudes.

E' certo que as mulheres, as suas mulheres aristocratas vivem já numa época que se não rege pelos preceitos monárquicos, mas isto pouco abona uma classe que ainda aspira pelo poder e pelo belo passado. De resto, a classe que substituiu a aristocracia não merece também os aplausos de Balzac. Um título de conde ou marquês, apesar de todos os abalos da Revolução, é ainda uma mercadoria de certa cotação no mercado social. Ser conde ou duque é, ainda, uma garantia social de certo peso e prestígio. Homens da banca casam com as filhas de titulares à beira da ruína; marqueses falidos procuram as burguesas enriquecidas, para se salvarem da pelintrice. Nesse mundo, dir-se-ia tudo fundir-se, amalgamar-se: todos procuram entender-se, esquecerem as lutas de 89 e 93, realizarem, as suas vidas sem atritos, sem provocarem inconveniências e incómodos. Os princípios da Revolução, que primeiramente se baseavam nas teorias do individualista Rousseau, passaram a reger-se pelas teorias sistematizadas por Montesquieu, deixando assim a Revolução os seus sonhos utópicos e românticos para enveredar por caminhos mais práticos. Uma nova moral penetrava a sociedade. Balzac, um pouco românticamente, a imaginação exacerbada pelas descrições de Laura de Berny, exaspera-se por esse mundo belo e aliciente dos salões aristocratas não pertencer já aos seus dias.

Acha a vida sem interesse, um mundo reduzido às operações mesquinhas do dinheiro, a uma estreita contabilidade, que penetra todos os cérebros e empurra toda a gente para a sordidez e corrupção das aventuras ganan-

e convencido da minha apologia a respeito da paisagem do Mar.

Marecos Algarve

ciosas, para a fria especulação, os golpes e chicanas da alta finança. E, então, como quem está muito convencido das suas ideias políticas, do seu programa, diz: *escrevo sobre a égide de Deus e do Rei*. Ao escrever tais palavras, certamente, está submetido à influência deslumbrante da vida dos salões. Mas a vida não se encerra nos salões, a vida que para Balzac não guarda quaisquer segredos, opõe-se-lhe de uma maneira brutal; a vida dir-se-ia escarnecer das intenções ideológicas do autor de *As Ilusões Perdidas*. E assim, na verdade, nos seus romances, pouco ou nada transparece das suas convicções políticas. Cada uma das suas personagens fala a sua própria linguagem; situa-se dentro do seu âmbito social, torna-se representante dos seus interesses e das suas ambições. Os argumentos duma aristocrata, como a condessa de Sérisy, têm a mesma lógica que os argumentos de Vautrin. E Balzac dá a máxima liberdade às personagens dos seus romances. Vivem e actuam como seres diferenciados, presos aos prejuízos de que enfermam os seus grupos sociais. A perenidade da obra desse mago da literatura, que foi Balzac, a sua imortalidade, deve-se a esta particularidade de o autor dar inteira autonomia às personagens dos seus romances. Nada de cadeias, de *partis-pris*, de compromissos, resistem ao domínio completo e absorvente da realidade, por Balzac.

Assim, Balzac monárquico não passa de um autêntico bluff. Não se discute aqui a justeza ou coerência das afirmações políticas do autor de *A Comédia Humana*; no entanto, diga-se, de passagem, que Balzac não serviu na sua obra lá muito bem as suas convicções ideológicas. E' certo que andou durante algum tempo da sua vida nessas tricas, e pensou mais de uma vez candidatar-se como deputado realista, mas fê-lo mais por *snobismo* do que propriamente por amor à causa monárquica. E' certo que um dia escreveu, com a sua habitual rudeza e cinismo, estas palavras que não ficavam mal na boca de um Maquiavel: «A legitimidade, por mais absurda que nos pareça, seria um princípio a inventar, caso não existisse...» Com certo despalte proclama: «a monarquia é o mais excelente dos regimes...» Dá-se com marquesas e princesas, apaixonou-se pela duquesa de Castries; e a Duquesa de Abrantes, viúva do general Junot, velha e gasta, passa-lhe ainda pelos braços. Como Marsay ou Rastignac, seus filhos literários, tem livre entrada nos salões do elegante Faubourg St. Germain; respira aí os odores fortes e caros da aristocracia, descobre os segredos das alcovas, ouve as intrigas, que aí se urdem, entre o ruído dos risos e a mimica dos gestos dúbios. E Balzac tudo aproveitara como experiência para os seus romances.

Dessas mulheres, dirá pela boca duma das suas personagens mais completas da sua vasta obra — o terrível e lógico Vautrin: *Que cartas!... Veja o senhor conde: as meretrizes, quando escrevem, fazem estilo e bons sentimentos, pois as grandes damas, que levam o dia a fazer estilo e bons sentimentos, escrevem exactamente como as meretrizes procedem*. Não; Balzac não usa de qualquer complacência para quem quer que seja. Como possuído de uma força diabólica, analisa a realidade, sem olhar a interesses ou a convenções. Observando a sociedade, considera: *A cada um*

o seu pensamento, diz o *Cristianismo*; a cada um o seu campo, diz a lei moderna; a sociedade está fundada sobre o interesse pessoal, tais são para mim os verdadeiros princípios políticos. Balzac, vendo o mundo através das persianas douradas dum palácio ou dos janelos da sua mansarda, tira sempre idênticas conclusões. E Balzac, dentro da sua época, tinha razão; a vida surgia-lhe como uma arena, uma luta áspera, um combate sem piedade e sem tréguas, a transposição da luta que Darwin observara no mundo biológico para o campo social, com mais virulência e brutalidade, como anotara um dos maiores sociólogos desse tempo. Mas pensando assim, subordinando o seu pensamento à realidade, Balzac deixava de ser o legitimista para se tornar um poderoso analista dos fenómenos sociais, desprezando assim os seus preconceitos ideológicos, que na sua obra, felizmente, nada contam e nada representam. E se alguém traiu mais os seus princípios políticos na sua obra, há que considerar Balzac como um desses homens, um mau monárquico, um fraco soldado da causa realista, que em vez de surgir como um dos seus heróis, aparece mais como seu covheiro.

Rodrigues Pena

Para si minha senhora

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

pés que se assemelham muito a tachos fundos, postos a direito sobre a cabeça, mas chegados às fontes e guarnecidos com finíssimos véus que, nos modelos de noite, se bordam com pedras mais ou menos preciosas. Além de duas ou três capelinhas para jantar, os outros modelos eram turbantes. Jogando apenas com estes dois motivos, o tacho e o turbante, Maud et Nano fizeram maravilhas. Para usar depois da hora do «cocktail», em jantar ou em espectáculo nocturno, criaram lindos modelos em cetim de cor pastel, bordados com pedras coloridas, em desenhos caprichosos ou guarnecidos com plumas, penas de ave do paraíso ou «aigrettes».

Nos seus chapéus para usar durante o dia, há alguns, muito graciosos, feitos de pele, dos quais uns quantos enfeitados com flores. Um chapéu de arminho branco, por exemplo, é enfeitado com uma rosa vermelha e outro, de pele de marta, tem uma guarnição de camélias brancas, salpicadas de vermelho-cravo. Na sua colecção, aparecem, ainda, modelos em peles de leopardo, de castor e de marta, mais ou menos verdadeiras. A parte de trás dos chapéus de Maud et Nano é quase sempre arrematada com um laço de veludo preto.

Paulette inspirou-se, como as outras modistas, na Renascença italiana para os seus modelos destinados às horas elegantes, mas foi ainda a Itália que a inspirou também para os chapéus práticos. Os seus turbantes são inspirados nos que usavam os naturais da Galábria, cheios de colorido.

Esta modista emprega cores e tecidos contrastantes, com feltro preto junto com veludo cor de conhaque ou veludo azul da Pérsia (país na moda) com «jersey» preto.

Para depois do «cocktail», ela emprega o «beige», o «côr de bronze», os verdes azeitona e esmeralda e o azul, mas, acima de todas as outras cores, o preto. Emprega, ainda, a cor de conhaque e de outras bebidas, como o «beige» champagne e o verde «chartreuse».

Muitos véus e alguns diamantes tornam ainda mais rica a colecção. Jeanette Colombier assentou em três ideias principais todos os seus modelos: a touca, o gorro e o chapéu direito. Guarnece tudo isto com muitas laçadas de veludo e apenas os modelos de alta elegância são guarnecidos com véus. Emprega, também, as duas cores, mas de forma talvez chocante. Divide o chapéu umas vezes vertical, e outras horizontalmente, pelas duas cores. Tira o mesmo efeito, empregando o feltro e o veludo. Os seus gorros são «três couchés» — quer dizer: tão inclinados à direita, que roçam pela face.

A crescente preferência pelos cabelos compridos, que se está a manifestar nos Estados Unidos, levou a criar modelos que assentassem bem com essa nova tendência, de modo a poderem ser comprados pelos clientes do Novo Mundo. E, realmente, conseguiram.

Rosa Descat, que é primorosa na execução de modelos pequenos, está satis-

OS NOSSOS CONTOS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

tavas bem, nunca me chamaste. Mas agora, não havia dinheiro em casa. Cá estava a velha para trabalhar, — limpou as mãos húmidas ao avental — empreguei o rapaz, sabes?

— Em quê? Ele ainda é uma criança.

— Essa agora, já vai nos dez anos, meti-o a aprender na oficina do João.

— Eu queria que ele acabasse os estudos, fizesse a quarta...

— Fidalgo, replicou a mãe, isso é que tu querias. Olha, eu é que não estou disposta a trabalhar para vocês, eu...

— Já sei, já sei, interrompeu ele, a cantiga já é velha.

— Ainda por cima, vá uma pessoa estafar-se...

Ele não ouviu mais, entrou no quarto, e deitou-se sobre a cama.

— Raio de vida esta — murmurou entre dentes.

Tinha ainda tantos anos à frente. Como os degraus da escada que acabara de subir, inseguros, instáveis. Antes de pôr o pé num degrau, seria preciso procurar tactear o terreno, em todos os sentidos. E na vida, certamente não encontraria um corrimão onde se pudesse apoiar!

Estava cansado, farto de tudo. No fundo, era tão fácil ficar por ali, no patamar da escada. Os degraus a subir eram muitos, e a perna estropiada fazia-lhe doer.

Seria essa a razão?

Virou-se na cama. A cómoda castanha, a almofada dos alfinetes, azul, semeada de pequenas flores de cores berrantes...

Escondeu a cara nas mãos. Nunca devia ter voltado. Tudo lhe fazia recordar.

A porta abriu-se lentamente, o cheiro a azeite inundou o quarto.

— Então, já cá está.

O miúdo fechou a porta e aproximou-se do pai.

Os sapatos, demasiado grandes para os pés, faziam um barulho infernal.

O pai olhou-o, sem interesse. Em três meses o garoto tinha-se-lhe tornado um estranho. No fundo, nunca chegara a conhecê-lo. Ele era seu filho, mas principalmente o filho de Maria. Para que preocupar-se? Maria sabe tomar conta do garoto sem precisar dele.

— Sabe — disse o rapaz — eu sabia que vocemecê ia voltar e disse ao Ricardo...

— Para quê? Perguntou o homem.

— Como era o melhor amigo do Pai.

— Agora, também te metes nos meus negócios.

O miúdo olhou-o amedrontado.

— Vocemecê não podia continuar com o automóvel...

— Já sei, não preciso que mo repitas.

O rapaz enfiou as mãos dos bolsos.

— O Ricardo — continuou — falou com o patrão, e ele disse que aceitava o pai como mecânico, na garagem.

— Julgas que preciso de ti, para me arranjar lugar?

— O homem ergueu-se, apoiado a um cotovelo e fitou o filho.

— E agora sai daqui...

Deixou-se cair novamente sobre a cama.

— Mas porque não me deixas em paz? O garoto afastou-se lentamente, e quando chegou ao pé da porta, olhou para trás.

— Eu não fiz por mal. Num gesto rápido passou a mão pelos olhos, é que...

— Vá, anda, acaba, — interrompeu o homem.

O rapaz pôs a mão na maçaneta.

— Era no caminho da oficina. Abriu a porta. Podíamos fazer o caminho juntos...

— Meu filho!...

O rapaz ficou parado.

— Meu filho! repetiu o homem.

Num impulso de todo o seu ser, estendeu-lhe os braços.

O garoto correu para ele.

— Pai! murmurou.

— Subir, subir a escada.

O miúdo olhou para ele, sem compreender.

— O corrimão... o homem sorriu-lhe. Não é nada, estava a falar sozinho.

Numa carícia, passou-lhe a mão pelos cabelos.

Não é nada, meu filho, vamos fazer o caminho juntos.

Vera Ponce de Léon

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega — deveis preferir um WISCONSIN

PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustível

FILTRO DE AR a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO — Rua de S. Paulo, 113 — LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

Pedimos providências para a Praia da Manta Rota

A CABO de ser surpreendido, pelas notícias da imprensa diária e por uma carta que recebi de minha mãe, das tragédias ocorridas na praia da Manta Rota, nos dias 29 e 30 de Agosto findo e, perante os fatais acontecimentos, não posso, como Cacelense, ficar calado.

Ainda se não tinham extinguido, na nossa alma, os clamores e o luto, causados pela tragédia do dia 13 de Agosto do ano passado, ocorrida naquela praia, em que perderam a vida os indifesos rapazes Didier Horta e Rui Silva, filhos dos nossos queridos amigos Manuel Segismundo Horta e Jaime Silva, e já mais quatro vítimas se contam, para juntar às duas, dos infelizes estudantes.

O ano passado, succumbido pelo profundo desgosto que o infausto acontecimento me causou, fiquei silencioso, embora me sobejassem razões para vir a público. Não o fiz, para não tocar na ferida, que sangrava copiosamente; não o fiz, por tolerância, por generosidade e para que se não dissesse que me valia da superioridade moral, que a própria fatalidade me tinha dado.

Porém, este ano, perante a inconcebível repetição da tragédia, que acaba de carregar mais o luto em que a minha freguesia se achava já envolvida, não posso fazer o mesmo, e entendo que, por motivos que não estão ainda esquecidos, tenho o direito de levantar a minha voz e perguntar: Quem responde pela perda de tantas vidas?

Analise os factos: Em 1949, nas colunas do «Povo Algarvio», n.ºs 792 e 793, respectivamente de 11 e 18 de Setembro, publiquei uns artigos, sob o título «As aspirações de Vila Nova de Cacela», em que pedi providências às entidades competentes, para o estado de abandono em que se encontrava a praia da Manta Rota, e, até mesmo, toda a freguesia de Cacela.

Nesses artigos, apontei uma a uma, todas as faltas que ali se verificavam e disse, com desassombro e perfeito conhecimento de causa, que enquanto aquela praia não fosse convenientemente apetrechada, não oferecia condições de segurança, para ser utilizada como praia de banhos.

Tive a infelicidade de desagradar, e no «Écos do Sul», jornal que então se publicava em Vila Real de Santo António, surgiram umas respostas, em que fui injustamente increpado, pelas reclamações de benefícios que reivindicava para a praia da Manta Rota, e bem assim, para Vila Nova de Cacela. E a polémica travou-se, aguerrida, dura, tornando-se desagradavelmente pessoal, e a tal ponto, que adquiriu foros de célebre.

No decorrer dela, foram contestados desastrosamente os meus argumentos, chegando-se à imprudência de se afirmar, «que o conselho de Vila Real de Santo António, apenas necessitava de uma grande praia, e essa, tinha-a em Monte Gordo» e ainda, «que eu, com as minhas opiniões acerca da praia da Manta Rota, não estava prestando um bom serviço à minha freguesia.»

Enfim, não me quiseram dar ouvidos e as coisas continuaram no mesmo pé em que se encontravam.

Infelizmente, os trágicos acontecimentos de 13 de Agosto do ano passado e os dois ocorridos agora, com o pequeno intervalo de horas, em que se perderam lamentavelmente seis vidas, vieram demonstrar, com a maior evidência, que

quem tinha razão era eu. Mas o pior é que não temos apenas que lamentar as vidas que irremediavelmente se perderam. Há também que lamentar os prejuízos morais que dos factos resultaram, e que constituem, sem dúvida nenhuma, um descrédito para a praia da Manta Rota.

Os vários casos de morte, ali ocorridos, num tão curto espaço de tempo, depõem trágicamente contra ela, que começa a ser olhada com desconfiança, que começa a ser considerada uma praia perigosa, quando, afinal, os perigos que ela oferece são os mesmos que oferece Monte Gordo, e que oferecem todas as praias oceánicas.

O mal não provém da praia. O mal provém, unicamente, da falta de providências e do desamparo a que tem estado votada.

Já o demonstrei há anos, e volto a demonstrá-lo agora, infelizmente com mais autoridade, que os trágicos acontecimentos me deram. Antes eu não tive razão!... Mas ponham os olhos nas pessoas que choram a perda dos seus entes queridos; reparem nos pais, nas mães, nos irmãos, nessa pobre gente carregada de luto, e digam-me, francamente, se eu tenho ou não razão.

Por todos estes motivos, eu volto a pedir, mais uma vez, urgentes providências, às entidades competentes. Torna-se absolutamente necessário:

Que sejam estudadas e devidamente demarcadas, pela entidade competente, as zonas em que se pode tomar banho sem perigos e as zonas consideradas perigosas; que se construam as jangadas, e sejam lançadas ao mar e fixadas a uma distância que não ofereça perigos aos banhistas; que sejam lançados uns cabos fixos àquelas jangadas, com boias, para que as crianças e as pessoas que não sabem nadar, se agarrem; que seja ali colocado, durante a época balnear, um cabo do mar, ou uma praça da marinha, que imponha a sua autoridade e faça cumprir rigorosamente o regulamento marítimo; que seja nomeado um banheiro competente, que oriente e auxilie o banho, e esteja apto a prestar socorros aos banhistas, no caso de necessidade; que seja criado um posto de socorros a naufragos, com salva-vidas, — como já houve em Cacela — pronto a prestar serviço, tanto de verão aos banhistas, como de inverno aos pescadores; que seja alcatroada a estrada, desde a estação do caminho de ferro, até à praia; que se façam os reparos indispensáveis aos estragos do tempo, e mais obras de conservação do Casino; que a praia seja dotada de passadeiras e de retretes; que seja construído um pequeno mercado; que sejam tomadas medidas de higiene e profilaxia necessárias, proibindo as esturmeiras mal cheirosas, junto das casas de habitação, verdadeiros viveiros de miasmas, e tomadas todas as providências, para que a praia da Manta Rota seja dotada de tudo quanto possa contribuir, para a protecção e segurança dos banhistas.

Cumpra à Comissão de Turismo local estudar, desde já, o assunto, e arranjar o dinheiro necessário, se o não tem, pedindo às entidades competentes providências e as verbas indispensáveis para a realização destes melhoramentos, ou, se tanto for preciso, recorrer ao auxílio do comércio, da indústria e das pessoas mais abastadas que possam sacrificar-se pelo bom nome e prestígio da sua terra.

Chamo especialmente a atenção da Junta de Freguesia, para o Art.º 4.º do Decreto 12978, publicado no «Diário do Governo» de 6 de Janeiro de 1927, 1.ª Série, que elevou a antiga freguesia de Cacela a Vila, e que a seguir transcrevo:

«Art.º 4.º — A Junta de Freguesia poderá também estabelecer nos mercados, fontes, ou poços da Vila, no cemitério ou noutros locais por ela administrados, as taxas que julgar convenientes, ou quaisquer licenças ou impostos não proibidos por lei.»

Faça-se, pois, se for exequível, um empréstimo a longo prazo, para realizar esses melhoramentos, e lancem-se, ao abrigo daquele decreto, as taxas e impostos que forem necessários para o saldar.

A nossa dignidade de Cacelenses impõe-nos esse sacrifício, porque, fiquem sabendo, enquanto a praia da Manta Rota, não for dotada de tudo quanto citei, não pode continuar a servir como praia de banhos, sem que se vejam repetidas tragédias como aquelas a que acabámos de assistir.

Das duas uma: ou se dá à praia da Manta Rota tudo quanto precisa, ou então acabe-se com ela, de vez.

E agora, para terminar, um salutar conselho a todos:

E' tempo de se acabar, de vez, com a estúpida brincadeira «das pessoas civilizadas» se divertirem à custa dessa pobre gente que, de vários e distantes pontos da serra, desce todos os anos, no dia 29 de Agosto, para tomarem os tradicionais banhos de S. João da Degola. Melhor será que, de futuro, em vez de se divertirem com eles, pensem em praticar o altruísmo, — que melhor fica à sua dignidade e sentimentos de seres humanos —, organizando um posto de socorros para lhes prestar assistência, no caso de necessidade, para que não se vejam repetidas cenas tristes como as deste ano.

Ações como estas, dignificam e nobilitam o homem. Ao passo que aquelas, degradam-no e bestializam-no.

E hoje, ficamos por aqui.

Barreiro, Setembro de 1953

Manuel dos Santos Cabanas

MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pato Donald, houve de tudo.

A meio da tarde, no Casino Oceano, o júri, em que sobresaiam o incansável Erico Braga e Gentil Marques, e a que o sr. presidente da Câmara, Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, prestou a melhor colaboração, tornou conhecida a classificação e distribuiu numerosos prémios, tais como aparelhos de telefonia, máquinas fotográficas, brinquedos, etc.

A classificação foi a seguinte: 1.ª Categoria (dos 12 aos 15 anos): 1.º, João Manuel Leal Palma, «Caravela»; 2.º, Margarida Maria Ramires de Vasques Garcia, «Rato Mickey»; 3.º, Canuto Jorge da Silva Glória, «Camelo»; 4.º, José Manuel Gravanita, «Farol». 2.ª Categoria (dos 9 aos 11 anos): 1.º, Isabel Maria Girão Teixeira Marques, «Ardina»; 2.º, Rui Vilhena, «Infante D. Henrique»; 3.º, Maria Rodrigues Celorico Drago, «Girafa»; 4.º (ex-aequo), Eduardo Gravanita, «Cavalo»; Maria do Amparo Barbosa Centeno, «Cão»; e Maria de Lourdes Folque Socorro, «Rato Mickey». 3.ª Categoria

O CRUZEIRO DE FÉRIAS DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

talvez, a não ser nos tempos heróicos dos descobrimentos e das conquistas, da ocupação e da pacificação dos territórios com que se formou o Império Português, se manifestou, entre nós, tão vivo interesse pelas coisas de além-mar. Depois da literatura, o cinema tem contribuído, poderosamente, por intermédio já de magníficos documentários demonstrativos das impressionantes realidades ultramarinas, já de excelentes obras de evocação histórica, mais ou menos romanceadas, como é o caso do filme «Chaimite», para a intensificação da curiosidade do Portugal de cá pelo Portugal de lá. Quem diz curiosidade, diz interesse, tanto mais vivo quanto mais atraente é aquilo que o desperta,

Acompanhar, de perto ou de longe, consoante as circunstâncias o permitam, o surto da nossa vida ultramarina — e não dizemos da nossa vida insular, porque as Ilhas Adjacentes fazem parte integrante do Portugal europeu e estão, pela sua relativa proximidade de Portugal continental, muito mais ao alcance da nossa atenção do que o está o Ultramar — é, hoje, senão uma preocupação absorvente, um hábito salutar de muitos portugueses da Metrópole. As viagens ministeriais e presidenciais a Portugal ultramarino, efectuadas nas duas últimas décadas, principalmente as do Dr. Armindo Monteiro, em 1932, do então General Carmona, em 1938 e 1939, e do Comandante Sarmiento Rodrigues, em 1952, às quais se poderá e deverá acrescentar, pelos aspectos nacionais que a caracterizaram, a do Cardial Patriarca de Lisboa, investido nas altas funções de legado pontifício às comemorações xavierianas, obtiveram extraordinária repercussão em Portugal metropolitano, atraindo as atenções gerais para os territórios portugueses de além-mar. As visitas feitas por aqueles estadistas, os discursos proferidos nos actos realizados em honra dos visitantes e, sobretudo, as impressões transmitidas através dos artigos redigidos pelos enviados especiais dos jornais metropolitanos, tiveram o condão de fazer vibrar, excepcionalmente, a curiosidade dos que, de longe, acompanhavam o decurso de tais viagens. Foram estas mais úteis ao conhecimento de Portugal ultramarino por parte de Portugal metropolitano, do que muitos outros meios de propaganda a utilizar em tal sentido.

Não se esqueça, também, a especial relevância que tiveram no espirito da gente metropo-

(dos 6 aos 8 anos): 1.º, Jacinto José Dias, «Cabeça de cavalo»; 2.º, Maria Margarida Folque, «Farol»; 3.º, António Manuel Azevedo dos Santos Gonçalves, «Pato Donald»; e 4.º, Ana Maria de Sousa, «Ananás».

Esperamos que o «Diário de Notícias», no próximo ano, repita o seu interessante Concurso das Praias, o que plenamente se justifica, pelo enorme entusiasmo com que foi recebido e pelo invulgar interesse que despertou.

Bem haja, pois, o «Diário de Notícias».

litana as exposições nacionais em que a nossa vida ultramarina, amplamente se patenteou. Assim, a I Exposição Colonial Portuguesa, no Porto, a Exposição Histórica da Ocupação Portuguesa, em Lisboa, e a Exposição do Mundo Português, também na capital, fizeram convergir sobre Portugal ultramarino vagas sucessivas, caso é para o dizer, de patriótico interesse. A louvável iniciativa de trazer ao Palácio de Cristal Portuense e ao recinto de Belém representações etnográficas do Ultramar português não excitou, apenas, a agradável emoção que as coisas e gentes exóticas, por via de regra, sempre causam; acabou de persuadir o público metropolitano da importância e da significação do nosso património ultramarino. Os milhões de pessoas que desfilarão, deslumbrados, ante as magníficas manifestações do colonialismo português tiveram franca oportunidade de se capacitarem da existência duma realidade vagamente suspeitada e indiferente à maioria dos portugueses metropolitanos, para a qual o Ultramar não passava de terra de pretos sertanejos e de bichos ferozes. Verificando que, além de pretos sertanejos e de bichos ferozes, o Ultramar tinha muito mais que admirar e considerar, esses milhões de pessoas que visitaram as nossas exposições nacionais, total ou parcialmente consagradas a Portugal ultramarino, logo se converteram, naturalmente, em fervorosos adeptos dos nossos interesses ultramarinos, que são, na verdade, muito mais de ordem moral que de ordem material.

A visita, em curso, das raparigas da M. P. F. do Ultramar e das Ilhas Adjacentes é ainda, de certo modo e até certo ponto, consequência do salutar interesse despertado por Portugal ultramarino em Portugal metropolitano. Ao deporem, no túmulo de D. Afonso Henriques, em Coimbra, um ramo de votivas flores, essas raparigas não se limitaram a praticar um acto de cortesia patriótica e de filial respeito por aquele a quem cabe o título de Pai da Nação. Expressaram efectivamente, a solidez dos laços que unem o Portugal de além ao Portugal de aquém-mar e, no seu gesto afectivo, foi como se dissessem ao Fundador de Portugal: «Assim como te prestamos homenagem, incutiremos aos nossos filhos, um dia, o desejo e o propósito de te prestarem, também!»

HUGO ROCHA

Praia da Rocha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dias 19 e 20 deste mês — terão lugar no Casino da Praia da Rocha, sendo a festa de aclamação dos vencedores e da eleição da Rainha e Damas de Honra, na noite de 19, e reservando-se a de 20 para a cerimónia da distribuição dos prémios.

Será mais uma, a dos Jogos Florais, a juntar a todas as outras festas, que tanta vida e animação emprestam à encantadora praia. E nós auguramos-lhe absoluto êxito.

Visado pela Comissão de Censura